

MEDICINA PÓS-HIPOCRÁTICA

Elaine Alves
Paulo Tubino

Após a morte de Hipócrates (c. 460-370 a.C.) a escola de Cós entrou em decadência e a medicina dividiu-se em várias seitas que se antagonizavam. A figura mais proeminente dessa época foi **Aristóteles de Estagira**.

Aristóteles (384-322 a.C.), nascido em Estagira (Macedônia), foi um dos mais notáveis filósofos e cientistas da Antiguidade. Deu contribuições fundamentais em ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, biologia, zoologia, fisiologia, história natural. É considerado, por muitos estudiosos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. Aristóteles descendia de uma família de asclepiades; era filho de Nicômaco, médico e amigo de Amintas III (rei da Macedônia, pai de Filipe II e avô de Alexandre o Grande). Aristóteles era discípulo de Platão e com a morte de seu mentor, em 348 a.C., pretendia ser escolhido para chefiar a Academia Platônica. Entretanto, foi preterido por Espeusipo, sobrinho de Platão, e preferiu deixar Atenas. Foi finalmente para a ilha de Lesbos onde desenvolveu a maior parte de seus estudos biológicos. Em 343 a.C., Aristóteles foi chamado por Filipe II da Macedônia e tornou-se o preceptor de Alexandre (356-323 a.C.), então com 13 anos de idade, até 336 a.C.

Aristóteles estudou praticamente todos os ramos do conhecimento humano existentes em sua época e deu contribuições significativas para a maioria deles. Foi responsável por estudos fundamentais da biologia e zoologia e é considerado um dos primeiros biólogos: classificou cerca de 500 espécies de peixes, entre outros animais; examinou o estômago dos ruminantes; a vida das abelhas e os processos vitais das plantas. Fez observações com verdadeiro rigor científico sobre a reprodução e a anatomia dos animais, além de pesquisas sobre hereditariedade. Foi um pioneiro da anatomia comparada.

MEDICINA EM ALEXANDRIA

Alexandre III da Macedônia (Alexandre Magno) tornou-se rei aos 20 anos e conquistou um império que ia dos Balcãs à Índia, incluindo também o Egito e a Bactria (atual Afeganistão). Em 332 a.C. fundou a cidade de Alexandria no norte do Egito, às margens do Mar Mediterrâneo. Governada pelo general Ptolomeu (Ptolomeu I Sóter¹) e seus descendentes por mais de 300 anos, Alexandria se tornou o maior centro cultural, científico e econômico da Antiguidade até ser substituída por Roma. Alexandria era o centro médico mais importante no século IV a.C.. Durante os reinados de Ptolomeu I e de seu filho Ptolomeu II foram criadas as instituições que transformariam Alexandria no centro do conhecimento na época: o Farol, a Biblioteca e o Museu. O museu se assemelhava bastante a uma universidade moderna, cuja finalidade era o estudo da literatura, ciência e das artes. Nos governos de Ptolomeu II e Ptolomeu III o museu cresceu e a biblioteca chegou a conter quase um milhão de volumes. Inicialmente, a Biblioteca era uma seção a serviço do Museu; depois a Biblioteca passou a ter grande importância e foi necessário criar um anexo próximo.

Alexandria atraía pesquisadores dos diversos ramos do conhecimento. Eram recrutados os mais famosos professores, como Arquimedes e Euclides. Havia um intenso comércio marítimo que dava suporte financeiro considerável para o Museu e para a Biblioteca. Juntamente com o ensino das matemáticas (geometria e aritmética) e da filosofia, a grande glória da cidade foi a sua “Escola de Medicina”. Ptolomeu I e Ptolomeu II convidaram vários médicos gregos para estudar, exercer e ensinar a medicina. Em Alexandria desenvolveu-se a primeira grande escola médica da Antiguidade, ocasião em que pela primeira vez o corpo humano foi estudado integralmente graças à permissão dada pelos Ptolomeus: a chamada Escola Médica de Alexandria. Criada quando a cidade foi fundada, seus médicos se originavam de Cnido (principalmente) e de Cós. Quando se fala de escola, não se trata de uma construção ou uma instituição financiada pelo Estado; deve ser compreendida no sentido de corrente de pensamento. Na verdade, existiam diferentes escolas de pensamento médico (ou seitas, como chamava Galeno): Escola Dogmática (ou Dogmatista); Escola Empírica (ou Empirista); Escola Metódica (ou Metodista) e Escola Pneumatista.

¹ Sóter = rei-salvador

A Escola Médica de Alexandria teve fim somente por ocasião da invasão e ocupação da cidade pelos muçulmanos (c. 643 d.C.). No mundo antigo, foi a que mais se dedicou à pesquisa e a mais duradoura.

PRINCIPAIS MÉDICOS DE ALEXANDRIA

Grandes personalidades da medicina estudaram em Alexandria: **Praxágoras de Cós** (c. 340 a.C.-?) e seu aluno **Herófilo**; **Crispo de Cnido** e seu aluno **Erasístrato**; **Sorano de Éfeso**; **Areteu da Capadócia** (c. 81-138), que nomeou o *diabetes*; **Galeno de Pérgamo**; **Oribásio de Pérgamo** (c. 320-400); **Aécio de Amida** (c. 502-575); **Paulo de Egina** (c. 625-690). Em Alexandria foram feitos grandes avanços nas áreas de anatomia e fisiologia. A prática da dissecação humana foi encorajada e sua importância para o aprendizado foi valorizada. Anteriormente o conhecimento anatômico tinha de ser obtido por meio de dissecações em animais como as de Aristóteles (que havia comentado que nada se sabia sobre os órgãos internos dos seres humanos e deu importante contribuição, dadas as limitações de seu método). Depois de Aristóteles, os mais importantes investigadores no campo médico foram **Herófilo da Calcedônia** e **Erasístrato de Iulis**. Durante os reinados de Ptolomeu I e Ptolomeu II, Herófilo e outros estudiosos tiveram a oportunidade de dissecar corpos humanos, a maioria de prisioneiros, com a autorização real. Por um curto período de 30-40 anos, essas dissecações (e provavelmente vivisseções) foram permitidas tanto para Herófilo como para Erasístrato, que mudaram fundamentalmente o estado do conhecimento médico. Celsus Cornelius (Celso) relatou: “Herófilo e Erasístrato praticaram dissecações em criminosos vivos retirados das prisões. Enquanto respiravam, observavam as funções e os diferentes aspectos das vísceras e órgãos ainda vivos (cor, forma, posição, consistência etc.).” Posteriormente, a dissecação humana foi abandonada e só voltou a ser feita na Idade Média. Há relatos de que ossos humanos ainda eram estudados na época de Galeno. Fora de Alexandria, porém, esse exame somente era possível pela observação acidental de esqueletos.

Herófilo da Calcedônia (335 ou 325 a 280 ou 255 a.C.) – Herófilo nasceu na Calcedônia (Ásia Menor) e estudou medicina com Praxágoras, famoso médico e anatomista que ensinava na ilha de Cós. Ainda jovem se mudou para Alexandria, no Egito, e lá viveu pelo resto de sua vida. Herófilo foi chamado de “Pai da Anatomia”. Descreveu órgãos e funções: olho; cérebro; fígado; baço; pâncreas; duodeno; órgãos genitais; a salivação; o pulso como uma função da batida do coração; as conexões entre os nervos, a medula espinal e o cérebro; reconheceu as diferenças entre: nervos, artérias e tendões, cérebro e cerebelo, nervos motores e sensitivos, nervos cranianos e espinais. Identificou: as meninges (e individualizou a aracnoide), os seios venosos da dura-máter, o cérebro como centro dos nervos e do intelecto, os nervos cranianos (óptico, oculomotor, trigêmeo, facial, auditivo e hipoglosso), as funções da medula espinal, o controle da função motora, os ventrículos cerebrais. Descreveu o *calamus scriptorius* no assoalho do quarto ventrículo e o *torcular herophili* (hoje *sinus confluens*), que inicialmente foi chamado prensa de Herófilo (*torcular* = prensa de vinho). Neurônio, próstata, córion, duodeno, córnea, retina, coróide, íris, *rete mirabilis* foram assim denominados por Herófilo. Acredita-se que todas as suas obras (possivelmente, sete tratados) se perderam em um dos grandes incêndios da Biblioteca de Alexandria.

Erasístrato de Iulis (304 ou 310-250 a.C.) – Erasístrato (também chamado Erasístrato de Chio) era mais jovem que Herófilo, tendo nascido em Iulis, na ilha de Chio, no mar Egeu. A partir de suas dissecações, fez descrições consideradas magníficas do coração e suas válvulas, traqueia, fígado, vias biliares e cérebro. Também relatou que havia nervos sensitivos e motores. Descreveu a epiglote, corrigindo o conceito de que os líquidos ingeridos passavam pelo pulmão para serem refrigerados. Achava que havia três tipos de condutos: veias, artérias e nervos; acreditava que os órgãos se nutriam com o sangue das veias, o ar das artérias e um *pneuma* anímico dos nervos. Reconheceu a consistência lenhosa do fígado, conhecida hoje como cirrose, e corretamente a responsabilizou pelo acúmulo de líquido no abdome (ascite). Foi considerado o primeiro patologista por causa de seus conceitos que contrariavam a teoria humoral vigente: achava que as doenças se apresentavam localmente em virtude de alterações dos órgãos. Considerava que o mecanismo patológico mais importante era a pletora (abundância de sangue e matérias alimentares nas veias). Segundo sua teoria, as veias se dilatavam e se rompiam, o sangue obstruía as artérias e o ar não podia fluir normalmente; a pletora então produzia inflamação e febre. Erasístrato achava que a profilaxia da pletora era mais importante que a terapêutica. Imaginou haver alguma comunicação entre veias e artérias para explicar porque as artérias apareciam vazias no cadáver, mas sangravam quando cortadas no ser vivo. É possível que estivesse prestes a descobrir a circulação do sangue, conhecimento que efetivamente só se completou em 1628. Entretanto,

Erasístrato não conseguiu consolidar sua escola anatômica e seus escritos caíram em descrédito com as duras críticas de Galeno.

ALEXANDRIA ROMANA

Por volta de 47 a.C. a cidade foi conquistada por Júlio César. Em 30 a.C. o Egito foi convertido em propriedade particular de Augusto (Caio Júlio César Otaviano Augusto), herdeiro adotivo de Júlio César. Após séculos de grande produção humanística e científica, a energia alexandrina começou a esgotar-se. No ano 95 d.C., durante uma luta entre gregos e judeus, o Museu foi destruído. Em 391 d.C., cristãos saquearam o templo onde estava armazenado o que restara do museu e queimaram a Biblioteca. A Biblioteca foi totalmente destruída em 646, já sob domínio árabe. A queda política de Alexandria resultou na decadência do conhecimento helênico. O centro da cultura mais uma vez se deslocou e Roma tornou-se herdeira e detentora da ciência e da arte médica.

MEDICINA EM ROMA

A medicina romana nos tempos antigos era, sobretudo, mágica e sobrenatural, com vários deuses responsáveis pela saúde. No século I a.C., quando os romanos ocuparam o Egito, a medicina romana era um sistema primitivo. A medicina helenística foi introduzida em Roma pelos médicos gregos que, a princípio, chegaram como escravos e sua superioridade não tardou a se impor, mesmo com a oposição de alguns tradicionalistas como Catão, o Velho (234-149 a.C.), político, escritor e militar romano. O primeiro médico regular em Roma foi o grego **Arcagatos (Archagathus)** que começou a praticar em 219 a.C. Inicialmente foi muito bem acolhido pelas autoridades, tendo recebido a cidadania romana e um ambulatório para trabalhar, à custa do Estado. Era um mestre na cura das feridas segundo Plínio, o Velho.² Entretanto, como usava muito a faca e os cáusticos fortes, seus métodos foram considerados violentos. Acabou sendo chamado de *carnifex* (carniceiro) e caiu em desgraça, tendo de abandonar a cidade.

Asclépio foi adotado pelos romanos no século III a.C., sob o nome de Esculápio, chegando a haver mais templos em sua honra em Roma do que na Grécia. O primeiro *Aesculapium* foi construído em Roma, na Ilha Tiberina (no rio Tibre), em 293 a.C., por causa de uma devastadora epidemia de peste (figura 3). As autoridades, após consultarem os “Livros Sibilinos” (livros mitológicos e proféticos da antiga Roma) e o oráculo de Delfos, decidiram buscar uma estátua do deus Esculápio em Epidauro e levá-la para Roma. A chegada de Esculápio coincidiu com o fim da epidemia e trouxe grande prestígio ao deus grego.

De início, não havia centros de treinamento médico, mas há alguma evidência de que tenha havido um “Museum” (baseado no modelo alexandrino) em Éfeso, associado a um grupo de médicos que organizavam atividades acadêmicas. Os médicos (*medici*) eram gregos, em sua maioria; mas também havia mulheres médicas (*medicae*) e parteiras (*obstetrices*). Havia vários especialistas em: doenças dos olhos; doenças dos ouvidos; doenças das mulheres; hérnias e queixas anais; febres; dietética e hidroterapia. Havia também dentistas e especialistas em trepanação e litotomia. Famílias ricas tinham seu médico privado. Imperadores tinham médicos em tempo integral na corte. Antônio Musa, um escravo liberto, curou o imperador Augusto (c. 63-14 a.C.) de uma afecção hepática com hidroterapia e mereceu, ainda em vida, uma estátua em sua homenagem que foi colocada ao lado da estátua de Esculápio.

Na antiga Roma a prática médica era livre como na Grécia. Para exercer a medicina era necessária apenas a permissão do magistrado local. Júlio César (100-44 a.C.) deu boas-vindas aos médicos gregos, conferiu a cidadania romana a todos aqueles nascidos livres e isentou-os dos impostos. Essas concessões foram confirmadas por imperadores subsequentes como Augusto (63-14 a.C.), Vespasiano (9-79 d.C.) e Adriano (76-138 d.C.). Portanto, desde o século I a.C. os médicos tinham posição privilegiada na sociedade e com o passar dos anos os privilégios aumentaram, como a isenção do serviço militar. Assim se tornou mais atraente ser médico, sobretudo porque não havia nenhuma regulamentação para estabelecer quem era médico. Era fixado um número de médicos por cidade, variável em função do tamanho da cidade. Posteriormente a profissão foi regulamentada pelas leis do Império Romano. O imperador Augusto dividiu os médicos em categorias definidas. Os médicos militares atendiam às tropas de terra e do mar e os outros médicos estavam

² Plínio, *História Natural* 29, 6, 12–14.

à disposição das escolas de gladiadores, dos circos e dos municípios. As obrigações dos médicos eram estabelecidas pelo Estado, que pagava seus honorários. Ao lado dos médicos estatais, havia os profissionais liberais. Entretanto, no fim do século II foi imposto um exame rigoroso a todos aos que quisessem exercer a medicina. O Estado subvencionava os estudantes, mas esses em troca eram obrigados a prestar assistência gratuita aos pobres. Assim, a medicina privada ficou bastante reduzida e, fora do trabalho para o Império, os médicos só podiam atender cidadãos muito ricos que os compensavam financeiramente. No século IV a profissão foi severamente regulamentada; os médicos foram proibidos de fazer abortos ou de negar assistência a um doente, sob risco de penas corporais ou multas.

GRANDES MÉDICOS ROMANOS

Asclepiades de Prusa (c. 124-40 a.C.) – Asclepiades estudou filosofia e medicina em Alexandria e foi o primeiro médico grego bem sucedido em Roma (c. 91 a.C.), cidade na qual chegou como professor de retórica. Não partilhava da fé de Hipócrates e de sua escola nos poderes da natureza e achava que os médicos deviam agir de uma maneira rápida, segura e agradável. Discordando da teoria humoral de Hipócrates, fundamentou sua prática médica em uma modificação da teoria atômica ou corpuscular, segundo a qual a doença resultava de um movimento irregular ou desarmônico dos corpúsculos do corpo. Seus remédios eram, portanto, direcionados à restauração da harmonia. Acreditava mais em mudanças da dieta, massagens, banhos e exercícios, e recomendava o uso do vinho. Era contra purgantes e eméticos, que considerava nocivos ao estômago, mas fazia sangria em alguns casos (sobretudo, em doenças com convulsões) e aplicava ventosas com escarificação para abrir os poros. Sua contribuição à medicina inclui a distinção entre doença aguda e crônica, bem como a observação da periodicidade das doenças. Descreveu a malária com precisão. Foi o primeiro a praticar a traqueostomia. Introduziu métodos mais humanos para o tratamento de doentes mentais, transferindo-os de lugares escuros, onde costumavam ser escondidos, para locais bem iluminados onde poderiam realizar exercícios terapêuticos. Asclepiades fundou uma escola de medicina em Roma e um de seus alunos foi Antônio Musa, médico do imperador Augusto.

Aulus Cornelius Celsus (25 a.C.-50 d.C.) – Celso foi o mais famoso escritor romano. Compilou uma enciclopédia na qual sistematizou vários temas como agricultura, filosofia, direito, teoria militar e medicina. Seu primeiro livro, *De res medica*, é o único ainda existente e foi o primeiro texto antigo de medicina a ser impresso em 1478. *De res medica* trazia muitas informações novas; Celso mencionava os clisteres nutritivos, rinoplastias e operações plásticas dos lábios e dos ouvidos. Ocupou-se do tratamento das feridas e de suas secreções. Recomendava cuidadosa limpeza das feridas e o uso de compressas e compressão dos vasos sanguíneos para estancar as hemorragias. Dizia: “Não tome nenhuma outra providência até que a ferida tenha sido limpa, pois pode haver sangue coagulado com o risco de virar pus e inflamar, impedindo que a mesma cicatrize.” No tratamento das fraturas expostas aconselhava a ressecção do fragmento protuberante. Indicou os quatro pontos cardeais da inflamação: rubor, calor, dor e tumor. Os instrumentos cirúrgicos encontrados em Pompeia, agora em exposição no Museu Nacional de Nápoles, são exatamente iguais aos descritos na obra de Celso.

Sorano de Éfeso (c. 98-138) – Sorano foi o primeiro grande obstetra da história. Praticou medicina em Alexandria antes de se estabelecer em Roma. É considerado o “Pai da Obstetria”. Em sua obra *Sobre as doenças das mulheres* descreveu o aparelho genital feminino, comparando o útero a uma ventosa aberta durante a relação sexual e a menstruação. Descreveu a menstruação, a concepção e a amenorreia (que podia ter causas fisiológicas, como a amamentação, ou patológicas, como em inflamações genitais ou doenças debilitantes). Citou as dificuldades que poderiam ocorrer no parto e, após mostrar os cuidados com a mãe, ocupou-se com as atenções, a saúde e o crescimento do recém-nascido. Já usava um espéculo para avaliar se o colo do útero estava fechado ou relaxado. Foi o primeiro a afirmar que uma mulher sem útero poderia continuar a viver, o que ia contra a concepção da época. Sorano ensinava as parteiras, que tinham papel importante na época.

GALENO DE PÉRGAMO (c. 129-210) – Galeno nasceu em Pérgamo, na Grécia (atualmente Bérghama, na Turquia). Iniciou seus estudos aos 17 anos no *asklepieion* de Pérgamo, depois em Esmirna e Alexandria onde aprendeu filosofia e medicina. Retornando a Pérgamo, foi cirurgião dos gladiadores e teve a oportunidade de observar os ferimentos decorrentes das lutas. É considerado o herdeiro espiritual de Hipócrates, mas

também beneficiou-se da influência dos escritos de Aristóteles e das noções anatômicas de Satyrus, seu professor em Alexandria.

É frequentemente chamado de Cláudio Galeno. O nome Cláudio lhe foi dado muito depois de sua morte, por erro de um escriba. Galeno era o prenome dado por seu pai e significa calmo, sereno. A celebridade de Galeno era tal que antes de seu nome se escrevia “Cl”, abreviação de *Clarissimus* (o muito célebre); em algum momento da história, provavelmente por causa da ignorância a respeito do significado de Cl, foi-lhe atribuído o prenome Claudius. Em 162, Galeno foi para Roma onde conquistou a reputação de bom médico e tornou-se amigo e médico particular de dois imperadores romanos: Marco Aurélio e Lúcio Vero. Fiel aos conceitos hipocráticos, resumiu e organizou as experiências médicas da Antiguidade com base no raciocínio e na experiência.

Galeno foi um estudioso da neuroanatomia e considerava o cérebro o centro das sensações e do pensamento. Descreveu sete pares de nervos cranianos (não considerou o nervo olfatório como nervo): 1.º par: ópticos – como um par de nervos do olho; 2.º par: oculomotor e abducente – como nervos que movem o olho; 3.º par e 4.º par: correspondentes ao trigêmio atualmente; não descreveu o nervo troclear (atualmente 4.º par); 5.º par: os atuais facial e acústico (vestibulococlear); 6.º par: os atuais glossofaríngeo, vago e acessorio do espinhal; 7.º par: hipoglosso atual. Classificou os nervos em dois tipos: moles ou sensitivos (para os órgãos dos sentidos); duros (para os movimentos); chamou atenção para o fato de que há órgãos, como a língua e os olhos, com os dois tipos de nervos porque têm sensibilidade e movimentos. Galeno dissecava animais (porcos e macacos), atividade que lhe deu reputação como conhecedor de anatomia, mas suas ideias sobre anatomia também se basearam em estudos do esqueleto humano e na experiência como cirurgião de gladiadores. Entretanto, nem todas as suas descrições foram exatas pois extrapolava para o ser humano o que observava nos animais.

De acordo com Galeno, o corpo era formado por três sistemas conectados: o cérebro e os nervos, que eram responsáveis pela sensação e pelo pensamento; o coração e as artérias, responsáveis pela energia vital ou “espírito vital”; e o fígado e as veias, que eram responsáveis pela nutrição e pelo crescimento. O sangue era distribuído pelo fígado, que recebia pela veia porta as substâncias nutritivas já transformadas pelo intestino. No fígado era adicionado o *espírito natural*. Esse processo produzia sangue continuamente e em pequenas quantidades, cuja movimentação se assemelhava à das marés, para nutrir todas as partes do corpo. Através da veia cava parte desse sangue entrava no coração. O coração era considerado a fonte de calor do corpo. Tal como a dilatação de um antigo fole de ferreiro aspira o ar, o coração sugaria o sangue do fígado para sua câmara direita. Do ventrículo direito, através da *vena arteriosa* (a artéria pulmonar), parte do sangue que chegava ao coração era levada para nutrir os pulmões e em troca os pulmões forneciam o ar para esfriar o coração. Os resíduos se vaporizavam nos pulmões e eram eliminados na expiração. Parte do sangue chegava ao ventrículo esquerdo através de orifícios (poros) e canalículos invisíveis que existiriam no septo interventricular. No ventrículo esquerdo esse sangue entrava em contato com o ar que penetrava nos pulmões durante a inspiração e era levado à câmara esquerda pelas *artérias venosas* (veias pulmonares). Ao entrar em contato com o ar o sangue se impregnava do *espírito vital* e se purificava. O sangue purificado, vermelho vivo, era enviado para fora do ventrículo esquerdo em virtude da dilatação ativa do coração (pulsação) e, através da aorta, se dirigia ao cérebro onde se impregnava do *espírito animal*. Os nervos, que Galeno achava serem ductos vazios, distribuía o espírito animal por todo o corpo. Galeno, portanto, achava que os sistemas venoso e arterial eram isolados e independentes, mas se comunicavam através das perfurações no septo interventricular (a existência dessa comunicação interventricular era necessária para explicar o fato de que as veias pulmonares continham sangue e não eram preenchidas apenas por ar). A principal finalidade do sangue “vital” arterial, diferentemente do sangue “natural” venoso (nutridor), era fornecer o *espírito vital* aos tecidos.

A autoridade de Galeno permaneceu inquestionável durante toda a Idade Média, só tendo sido contestada no Renascimento.

A PRÁTICA MÉDICA EM ROMA

Os romanos deram contribuições importantes à medicina: a medicina militar romana (criação de um corpo médico militar profissional e dos hospitais militares, os *valetudinaria*); o saneamento ambiental (sistema de esgotos, distribuição da água com grandes aquedutos, latrinas e banhos públicos, limpeza das ruas Alves E & Tubino P. *Medicina Pós-Hipocrática*, 2013

e sarjetas, enterros fora da cidade); legislação da prática da medicina (com a criação do serviço médico gratuito no Império Romano) e do ensino médico.

Entretanto, uma das causas imediatas da queda do Império Romano foi uma série de epidemias e pestes. Os médicos mostraram-se incapazes diante de tais catástrofes, desencadeando uma reação generalizada contra a abordagem racional de lidar com as doenças. Com a queda do Império Romano, a incipiente medicina científica é substituída por práticas supersticiosas e religiosas. O cristianismo, que prometia fraternidade e caridade aos humildes, inicia sua ascensão. Os males do corpo só podiam ser curados por intervenção divina. Os cristãos construíram albergues que depois se transformaram em hospitais para abrigar os peregrinos. O primeiro grande hospital cristão foi construído por São Basílio em Cesareia, na Capadócia (Turquia), no ano 370. Entretanto, ao que tudo indica, o primeiro hospital do mundo ocidental foi erguido em Roma, por volta do ano 390, por uma dama romana chamada Fabíola. Ela fundou o hospital para os doentes que recolhia nas ruas da cidade e atendia pessoalmente; foi o primeiro hospital cristão, público e gratuito da civilização ocidental.

Referências/Literatura selecionada sugerida

- Berche P, Lefrère JJ. Hérophile et Erasistrate: la première exploration du corps humain. *Presse Med.* 2010; 40:535-9.
- Chapman PH. The Alexandrian Library: Crucible of a Renaissance. *Neurosurgery* 2001; 49:1-13.
- Dobson JF. Herophilus of Alexandria. *Proc R Soc Med.* 1925; 18(Sect Hist Med):19-32.
- Flourens P. A history of the discovery of the circulation of the blood. Cincinnati: Rickey, Mallory & Company; 1859.
- Lyons AS.; Petrucelli RJ. *Medicine: an illustrated history.* New York: Harry N. Abrams; 1987.
- Magner LN. *A history of medicine.* 2 ed. Boca Raton: Taylor & Francis; 2005.
- Mowry B. From Galen's theory to William Harvey's theory: a case study in the rationality of scientific theory change. *Stud Hist Philos Sci.* 1985; 16(1):49-82.
- Nutton V. *Ancient medicine.* London: Routledge; 2004.
- Penso G. *La medicina romana. L'arte di Esculapio nell'antica Roma.* Noceto: Edizioni Essebiemme; 2002.
- Porto CC, Rassi S, Rezende JM, Jardim PCB. O sistema circulatório de Galeno a Rigatto. *Arq bras cardiol.* 1991; 56:43-50.
- Rebollo R.A. A difusão da doutrina da circulação do sangue: a correspondência entre William Harvey e Caspar Hofmann em maio de 1636. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 2002; 9: 479-513.
- Sallan HN. Aristotle, godfather of evidence-based medicine. *Facts, Views & Vision in ObGyn.* 2010, 2:11-9.
- Strkalj G, Chorn D. Herophilus of Chalcedon and the practice of dissection in Hellenistic Alexandria. *S Afr Med J.* 2008; 98:86-9.
- Schultz SG. William Harvey and the Circulation of the Blood: The Birth of a Scientific Revolution and Modern Physiology. *News Physiol Sci.* 2002; 17:175-80.
- Von Staden H, Herophilus. *The art of medicine in Early Alexandria.* Cambridge: Cambridge University Press; 1989.
- Wills A. Herophilus, Erasistratus, and the birth of neuroscience. *Lancet* 1999; 354: 1719–20.